

OS CAMINHOS DA GEOGRAFIA HUMANA NO BRASIL

DEMARCHES SUR LA GEOGRAPHIE HUMAINE

Ana Fani Alessandri Carlos¹

RESUMO

As pesquisas no domínio da Geografia Humana assinalam a existência de uma multiplicidade de possibilidades teóricas e metodológicas de abordar os temas de pesquisa o que assegura a riqueza do processo de elaboração do pensamento geográfico enquanto exercício da liberdade de pensar o mundo atual.

A produção do pensamento geográfico, que é cumulativo social e histórico deve ser analisado a partir das transformações postas pelo processo de mudanças da realidade. Deste modo a geografia está em constante processo de reprodução o que presume a elaboração de noções e conceitos ligados a prática social enquanto totalidade definida de modo dinâmico permitindo a reflexão sobre a dimensão do homem no seu processo de humanização.

RESUMÉ

Les recherches dans le domaine de la Géographie Humaine signalent l'existence d'une multiplicité de possibilités théoriques et méthodologiques d'envisager et d'aborder les sujets, ce qui assure la richesse du proces d'élaboration de la pensée géographique en tant qu'exercice de liberté de penser et agir dans le monde actuel.

¹ Professora do Departamento de Geografia - FFLCH - USP

La production de la pensée géographique qui est cumulative sociale, relative et dissamblable, doit être analysé a partir des transformations posé par le proces de mutation de la réalité.

De cette façon la géographie est un constant proces de reproduction, ce qui présume l'apparition de l'elaboration des notions et concepts liés à la pratique sociale en tant que totalité définie de façon dynamique, permettant la réflexion sur la dimension de l'homme pendant son proces d'humanisation.

O processo de conhecimento apresenta-se como uma forma de compreensão da realidade. A geografia como processo de conhecimento é criação e aparece, em cada momento histórico como um modo de pensar a época. A produção de um saber geográfico move-se no contexto do conhecimento que é cumulativo (histórico), social (dinâmico), relativo e desigual. O dinamismo no qual está assentado o processo de conhecimento implica em profundas transformações no pensamento geográfico.

O "fazer-se histórico" coloca de um lado a realidade enquanto totalidade concreta, aberta e dialética, de outro o movimento do pensamento em constante processo de reestruturação. Os problemas que se colocam em cada época questionam os processos de compreensão da realidade. O "novo" emerge do constituído e a geografia é um saber em constituição - um processo de reprodução que se realiza pela superação, através de uma postura crítica. Portanto pode se afirmar que existe ao longo da constituição do saber geográfico um movimento constante de superação e de busca de novos caminhos teóricos metodológicos; o que pressupõe que a elaboração de noções e conceitos apareçam articulados à prática social enquanto totalidade que se define dinamicamente e nos permita pensar a dimensão do homem em seu processo de humanização.

O processo de conhecimento se constitui coletivamente e implica necessariamente em se pensar o possível, o virtual; e nesse sentido a teoria do conhecimento apresenta-se como histórica e desigual. A multiplicidade de tempos que constituem a realidade implica numa multiplicidade de abordagens, movimentos que

não podem ser limitados, nem definidas claramente tanto num momento histórico determinado, quanto ao longo do processo de constituição do pensamento na história. Isto porque não se pensa o conhecimento como produtor de verdades absolutas, mas relativas na medida em que seus limites são sempre superados; pois a cada dia descobre-se e inventa-se neste domínio, abrindo perspectivas para se pensar o mundo de outro modo. Por outro lado o avanço do processo de conhecimento é desigual, aponta tendências, múltiplas correntes que se justapõem e se superam. Não existe um movimento linear que vai da "ignorância ao conhecimento". O movimento é contraditório e o caminho cheio de meandros "um caminho que faz-se a si mesmo", no dizer de H. Lefèbvre.

Nessa perspectiva o pensamento geográfico não é homogêneo, mas contraditório e múltiplo; um movimento em construção. É por isso que não se pode delinear uma tendência homogênea. Por outro lado, pensar nos caminhos trilhados pela geografia significa pensar na constituição de um saber geográfico, de suas formas de interpretação da realidade, da elaboração de teorias. Significa pensar quais os problemas que a geografia coloca, em que momentos, e como a geografia tenta entendê-los.

A constituição de um saber geográfico se move num contexto histórico social e não no vazio. Isto significa dizer que as mudanças nos modos de pensar a geografia são produto direto das transformações econômicas, políticas, e sociais, tendo uma base filosófica indispensável.

Autores como Paul Claval, Horace Capel e José Estebanez tendem a associar as tendências atuais da Geografia - no mundo - como produto de um movimento crítico; (correntes radicais), como expressão da situação socio-econômica e política que afeta as relações internacionais e o conjunto da sociedade. Essas correntes podem ser discutidas a partir de um posicionamento crítico em relação ao positivismo e ao neopositivismo na geografia. Contrapõem-se a idéia de reduzir fatos históricos, simplificar objetos de análise de modo a

estabelecer leis ou regularidades similares às das ciências naturais. Ao mesmo tempo colocam-se contrárias às análises assentadas na explicação hipotético-dedutiva do mundo.

A década de 60 marca um momento na geografia brasileira em que se contrapõem duas grandes tendências. No Rio de Janeiro desenvolve-se no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a chamada *New Geography* ou Geografia Quantitativa que passa a influenciar a maioria das pesquisas. De fundamentação matemática estes trabalhos viam a realidade a partir da perspectiva da regularidade dos fenômenos no espaço, fazendo da técnica um fim em si mesma. Já na Universidade de São Paulo as pesquisas tomavam um rumo diverso. Contrapondo-se as idéias esboçadas por Berry, e fiéis à escola francesa de interpretação da realidade, desenvolvem-se pesquisas baseadas nos fundamentos da chamada Geografia Ativa, sob a influência de Pierre George que nasce da constatação da extrema mobilidade das situações atuais, conduzindo a um estudo ativo que pode inspirar ou guiar as ações (e, que a meu ver, prepara o caminho das grandes transformações do final dos anos 70 na Geografia brasileira).

Segundo Figueiredo Monteiro² nos anos 60 começa a preocupação com os estudos urbanos, temática associada à cidade e à região, bem como com as relações cidade-campo, interesse este que se acentua nas décadas subsequentes, ao lado da preocupação emergente com o debate teórico. É também o momento em que desenvolvem-se os trabalhos de pesquisa com um aumento significativo das teses produzidas nas universidades brasileiras. A década de 70, ainda segundo o autor, é marcado pela querela entre os quantitativos e os tradicionais.

No entanto, as grandes transformações nos modos de pensar, fazer e ensinar a geografia ocorrem nas décadas de 70 -

2 A Geografia no Brasil (1934-1977). Avaliação e Tendências

80, apesar de na Europa terem surgido mais cedo. A partir da matriz do historicismo podemos abordar duas importantes tendências: a marxista que determinou as bases do movimento chamado Geografia Crítica ou Geografia Radical e a fenomenologia. O materialismo dialético permitiu pensar de outro modo a articulação entre as disciplinas abolindo-se as fronteiras entre as mesmas buscando-se um novo entendimento do mundo e provocando profundas transformações na geografia.

Baseado no materialismo dialético, a geografia radical passa a fundamentar, no Brasil, a esmagadora maioria dos trabalhos na área de Geografia Humana a partir dos últimos anos da década de 70. Esta tendência contrapõe-se violentamente ao neopositivismo assumido pela Nova Geografia - ou Geografia Quantitativa. Coloca em xeque o saber geográfico e abre perspectiva para se pensar a espacialidade das relações sociais.

A preocupação teórica emerge com toda força e marca o período. "Um cidadão que não teoriza é um cidadão de segunda classe" e o poder da geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos, afirma o professor Milton Santos. Para o autor ainda se coloca como fundamental o "saber pensar o espaço" é ele que dá a especificidade à Geografia, e o papel do espaço tem sido minimizado pela Geografia aparecendo como teatro das ações humanas.

A Geografia crítica se propõe a pensar o fenômeno para além de seu aspecto formal, ultrapassar o nível fenomênico, e entender a realidade como articulação dialética entre forma/essência. Deste modo aborda o processo de produção do conhecimento geográfico numa nova perspectiva. Rompe-se com a postura positivista do "mistério da origem do fenômeno" (Conti); ou mesmo da idéia de correspondência e solidariedade entre os fenômenos desenvolvida por Vidal de La Blache. O materialismo dialético estrutura a base do conhecimento enquanto adequação do pensamento e do ser; um conhecimento que não se reduz ao pensamento e que envolve a di-

mensão da prática social enquanto conteúdo do real. Coloca-se a compreensão do espaço na perspectiva do movimento das coisas e das coisas em movimento, levando à compreensão do caráter contraditório das relações que produzem o espaço geográfico, que permite orientar o pensamento para a ação, num esforço de compreender o conteúdo teórico da sociedade em seu processo contraditório de humanização/desumanização do homem em suas condições concretas de existência.

O espaço deixa de ser entendido como o palco da atividade do homem ou das coletividades humanas. Não se trata mais do entendimento de um espaço absoluto - que vigora na chamada Geografia Tradicional e que tem sua matriz teórica elaborada por Newton - enquanto entidade física e real, uma localização absoluta definida em relação a um sistema com fins de localização a partir de uma rede de meridianos e paralelos que prevalecem até a década de 50, nem tão pouco o espaço pode ser concebido como relativo - como aparece na Geografia Quantitativa (que tem sua matriz teórica em Einstein e na teoria da relatividade) que considera o espaço e tempo como categorias inseparáveis, onde a localização seria relativa em relação às outras localizações, mudando no tempo. A nova perspectiva metodológica nos coloca diante da necessidade de repensar a relação homem-natureza tão cara à geografia.

O espaço agora é entendido como produto de um processo de relações reais que a sociedade estabelece com a natureza (primeira ou segunda). Nesse sentido, o espaço é humano não porque o homem o habita mas porque o produz. Um produto desigual e contraditório à imagem e semelhança da sociedade que o produziu em seu processo de humanização/desumanização. Por sua vez o homem é visto enquanto membro indissociável da sociedade da qual faz parte e não mais como membro de uma coletividade. Com isso afastamos da velha tendência de eliminação das contradições que apareciam na descrição geográfica, enquanto elementos de diferenciação dos lugares por sua vez, o homem deixa de ser entendido como ele-

mento de um grupo homogêneo, para ser analisado como membro de uma sociedade de classes. Assim a interação homem-natureza passa a ser considerada dentro de uma totalidade dinâmica onde os elementos se interrelacionam sem somar-se qual imagens de um caleidoscópio que se movem ininterruptamente produzindo sempre novas combinações.

Assim afloram as contradições e o pesquisador se vê em uma nova posição ; ele é integrante da realidade que estuda e a ciência deixa de ser "fria e distante". A construção da ciência passa pela prática o que diminui o peso de concepções estruturais, introduzindo a idéia do envolvimento consciente do sujeito no processo histórico.

Com isso novas categorias de análise emergem. O uso do solo urbano só pode ser analisado em sua articulação com o valor; os movimentos sociais urbanos e rurais são, hoje no Brasil, elementos fundamentais para se entender a produção do espaço geográfico. A sociedade não é passiva diante da natureza; existe um processo dialético entre ambas que reproduz constantemente espaço e sociedade diferenciados em função de momentos históricos específicos e diferenciados. Por sua vez a Geografia Humana deixa de ser no dizer de Le Lannou, o conhecimento tópico das diversas instalações humanas sobre o planeta "para ser o estudo da realidade social constituída historicamente através da espacialização das relações sociais".

Falou-se muito nesse período sobre a necessidade de uma geografia "comprometida" com as transformações da sociedade. Manuel Correia de Andrade³ se perguntava se a geografia deveria ser mero devaneio intelectual ou se deveria fornecer condições para a racionalização da organização do espaço brasileiro, oferecendo uma contribuição à solução dos problemas bra-

3. O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira

sileiros. Na realidade o que nos parece estar em questão num primeiro momento é o papel do homem na análise geográfica. O homem deixa de ser um agente geográfico de primeira ordem capaz de elaborar meios e ambientes (no dizer de Choley), não é mais entendido como homem-habitante (Le Lannou), nem analisado como integrante de uma coletividade ou grupo. Agora pensa-se o homem enquanto sujeito, ser social e histórico que produz o mundo e a si próprio, num processo amplo de reprodução, que ultrapasse a mera reprodução material.

A dificuldade surgida nessa perspectiva de análise refere-se ao uso do método. A vertente econômica dominou muitos trabalhos. No entanto, em muitos casos não se conseguiu pensar o homem para além de uma força de trabalho e o espaço para além de um produto direto do capital. Nesse sentido negligenciou-se o significado da noção de produção bem como do sentido social da reprodução. Falava-se na necessidade de se pensar a realidade como uma totalidade em movimento sem apreender-se o sentido social da produção do mundo. Ignorava-se o movimento do método que colocava a superação como sentido último da necessidade de apreensão do movimento da realidade preferindo o caminho seguro de se buscar em Marx as categorias de análise. Assim transplantou-se, por exemplo, para as análises urbanas a teoria da renda da terra que Marx desenvolvera para pensar o campo, ignorando-se que na cidade a natureza do solo urbano era outra. Do mesmo modo analisava-se a produção do espaço apenas em seu sentido estrito. Em muitos casos o materialismo dialético entrou muito mais enquanto forma de linguagem do que enquanto teoria capaz de auxiliar a pensar o mundo moderno através da geografia.

Mas podemos nos perguntar: como nasce o objeto de estudo de uma disciplina específica na interação entre o mundo da pesquisa e o mundo real, num determinado momento histórico? Esta questão nos coloca diante da relação entre a pesquisa e a prática social constituída através da realidade social. Nesse sentido os caminhos são

múltiplos consubstanciando-se várias tendências num mesmo momento histórico.

O chamado movimento crítico também nos faz pensar uma outra tendência da geografia que é a vertente fenomenológica apoiada fundamentalmente em Husserl e Hartman. Essa Geografia humanista destaca os aspectos humanos e nesse sentido é antropocêntrica indicando valores, objetos e propostas da ação humana. Existe por outro lado uma valorização dos processos da consciência e de experiência pessoal como alternativa frente as abstrações do cientificismo positivista.

A base filosófica da fenomenologia parece se converter numa ciência rigorosa e contemplativa que capta intuitivamente a essência das coisas como se dão na consciência. A análise fenomenológica aparece como contemplação desinteressada dos objetos do mundo considerados como fenômenos e estabelece a suspensão de todas idéias prévias sobre a natureza dos objetos. Nesse sentido abstem-se da especulação e limita-se a descrever as aparências diretas.

Essa perspectiva inclui na análise questões referentes a estética, literatura e linguística, afirmando que não se pode estudar o homem apenas a partir de uma perspectiva científica; todavia não desenvolve as articulações entre a ciência e a arte. O postulado básico é o espaço vivido como mundo da experiência imediatamente anterior às idéias. A Geografia, nessa perspectiva, estudaria o mundo em que os homens vivem e atuam em lugar de considerar mundos hipotéticos, habitados por seres humanos oniscientes. A relação homem-meio é assim individualizada pela cultura e a paisagem geográfica inclui sentimentos ocultos que os homens tem dos grupos. Sylvie Rimbart, por exemplo, em seu livro "Paysages Urbaines" coloca a importância, na leitura da paisagem, dos turistas e poetas, o que sentem resgatando o homem e tratando-o em todos os seus atributos: colocando-o no centro das coisas. Mas o olhar, a observação da paisagem, permite uma leitura e uma interpretação de nossa situação no mundo de hoje,

onde a arte surge como uma necessidade do homem de criar o mundo de outra maneira, a partir de uma atividade criativa, o que não aparece nos trabalhos geográficos sobre o espaço vivido.

Essa corrente que emerge assentada na fenomenologia e que se chamou de Geografia do Comportamento ou Geografia da Percepção coloca o papel do indivíduo e do individualismo como questão importante contra a idéia do sujeito coletivo. Mas a fenomenologia não pode se limitar à Geografia do Comportamento, e abre novas perspectivas de análise ainda não definidas ou mal definidas como um "pós-marxismo".

Na realidade, a meu ver, a geografia e, de resto as ciências sociais, estão hoje numa encruzilhada que busca responder as perguntas que surgem num mundo em constante processo de constituição. Como se pode compreender hoje a solidez da ordem capitalista e sua capacidade de adaptação e restituição? Como analisar o fato de que longe de produzir a revolução o proletariado não se coloca, necessariamente, em contradição com burguesia, existindo mesmo alianças entre eles? Como mudanças rápidas são compatíveis com a estabilidade de certas relações fundamentais? Como se avaliar a importância da queda do muro de Berlim e as mudanças no leste europeu?

De qualquer modo vislumbram-se algumas perspectivas: de um lado a emergência de uma postura "pós-marxista" ou melhor "não-marxista" exacerbada. As derrotas dos partidos comunistas na Europa produziram um anti marxismo, que se aprofundou com o desabamento da URSS. Alguns pesquisadores como Jacques Levy ou Alain Lipietz, chegam a afirmar que não se pode ser mais marxista hoje. Todavia compartilham a idéia de que os avanços abertos pelas vertentes do materialismo dialético estão devidamente incorporadas ao conhecimento. Topalov admite que existe hoje uma crise teórica, e uma crise do marxismo. Esses são fatos que pontuam os debates dos geógrafos. Mas essas crises abrem que perspectiva? O "movimento au-

tonomista" que prega a multiplicidade metodológica ou mesmo uma volta ao empirismo? Podemos concluir da leitura de muitos trabalhos recentes que há uma volta ao descritivo, a passagem dos estudos macros para o micro assentado na análise do poder local e na renúncia de busca de instrumentos de interpretação global de uma sociedade em crise. Também parecem perder um pouco do glamour os debates sobre o método.

Portanto assiste-se hoje a reabilitação do empirismo, a descrição do lugar, o retorno ao indivíduo para abolir o pensamento crítico e a reabilitação da evidência positivista e com isso o retorno ao senso comum. O retorno a descrição do lugar, sem a preocupação com o seu conteúdo que parece ressurgir, nos remete a questão de Walter Benjamin⁴: Será que o gosto pelo mundo das imagens não se alimenta de uma sombria resistência contra o saber?

Mas não se pode dizer que há uma homogeneidade nesse comportamento, pois ao mesmo tempo constata-se que uma parte significativa dos geógrafos, hoje no Brasil, se coloca diante do fato de que os instrumentos de análise, bem como as teorias de interpretação global da sociedade estão em crise, impondo a necessidade de uma reflexão profunda dessas mudanças e com isso aprofunda-se o debate sobre a interação necessária entre o mundo real e o mundo da pesquisa. Vive-se também momentos de grandes debates em torno das perspectivas teórico-metodológicas, em função das posturas diversas diante da ciência geográfica e dos modos de interpretação da realidade.

Há também, por parte de alguns geógrafos, uma rejeição ao marxismo que, em alguns casos, dá-se como um fenômeno de "moda" o que tem impedido a análise no sentido da superação dentro do materialismo dialético. A crítica do marxismo por den-

4 Rua de Mão Única

tro; isto é a leitura crítica do legado de Marx como é proposto por Henri Lefebvre, parece-nos um caminho profícuo.

Pode-se concluir que as pesquisas na área de geografia humana apontam para a existência de uma multiplicidade de enfoques e abordagens teórico-metodológicas que asseguram a riqueza do processo de construção do pensamento geográfico enquanto exercício de liberdade de pensar-actuar no mundo de hoje.

A GEOGRAFIA HUMANA E A GEOGRAFIA FÍSICA: DIVISÃO SUPERÁVEL?

Ao longo do caminho percorrido pela geografia moderna que se inicia com Humboldt e Ritter assistimos um processo de verticalização de dois ramos da disciplina: a Geografia Física de um lado e a Geografia Humana de outro. O aprofundamento do processo da divisão do trabalho que ocorre no processo produtivo captura a ciência: verticalizando-a. De um lado isso implica num ganho: só existe processo de conhecimento na medida em que se divide, se aprofunda em cada uma das partes; mas torna-se necessário a articulação dos momentos do todo numa totalidade estruturada; caso contrário encaminha-se para a perda da unidade produto de separação extremado. Teoricamente fala-se da unidade da Geografia. Mas o que ocorre na prática? No cotidiano da produção da pesquisa, a Geografia Física e suas múltiplas subdivisões se separa da geografia humana e suas múltiplas subdivisões. Dois caminhos paralelos que parecem nunca se encontrarem. Na década de 40 Le Lannou, Pierre George, para citar dois nomes expressivos, escreviam que a Geografia era uma ciência eminentemente humana, que os fenômenos físicos eram importantes somente na medida em que se articulavam aos fatores humanos. Hoje esse debate não é assim tão simples. Será que existe uma história da Geografia Humana e uma da Geografia Física? Será que as tendências atuais da Geografia aqui esboçadas a partir da literatura geográfica sobre o assunto coloca indistintamente (e sem um debate

aprofundado) Geografia Física e Geografia Humana? Esse parece-me um debate fundamental no momento em que se discute a questão do meio ambiente.

UM CAMINHO POSSÍVEL ?

Falou-se em comportamento crítico como necessidade premente do processo de produção do conhecimento. É preciso refletir sobre isto. O pensamento crítico deve incorporar o virtual que permite um novo enfoque e abre perspectivas novas para se pensar a história. Como a sociedade vive e cria um cotidiano e com isso o espaço? O desenvolvimento do modo de produção e da técnica produziu um novo espaço e uma rotina organizada da vida, o que corresponde a um empobrecimento significativo desta, tornando o cotidiano repetitivo, onde a vida das pessoas se prende cada vez mais ao universo da necessidade. Por outro lado, a máquina tende a tirar o lugar do indivíduo e a tomar todas as decisões para que tudo passe a funcionar com a maior regularidade possível, anestesiando qualquer parte da personalidade que não se adapte às necessidades de realização do processo de valorização."

"A coisificação das relações sociais que ocorrem no processo produtivo, desumaniza e desvaloriza o homem em detrimento do objeto criado, cuja posse significa riqueza e poder. O aprofundamento dessa contradição produz a necessidade de sua superação e, conseqüentemente, formas de luta"⁵. O homem coloca-se como criador do mundo e produto da sociedade; sua vida individual é a vida genérica, que se produz na praxis humana compreendida como processo de transformação de si próprio.

"A noção de criação para além da sobrevivência estrita, parece perder o sentido. O homem precisa ser condicionado pelas coi-

5 Ana Fani A. Carlos - A (Re)Produção do Espaço Urbano

sas, desvinculando seus valores históricos, suprimindo-se, com isto, parte de sua vida. A pesquisa deve visar o conhecimento do mundo atual e, nele estão contidos ilusões, derrotas, estranhamentos, sensações que fogem do limite estritamente racional. Faz-se necessário superar a idéia de que é possível construir-se racionalmente um modo de pensar a vida social."⁶

BIBLIOGRAFIA

- Andrade, M. C. - O pensamento geográfico e a realidade brasileira. in **Boletim Paulista de Geografia** nº 54 Associação dos geógrafos Brasileiros. São Paulo, 1977.
- Carlos, A. F. A. - **A (re)produção do espaço urbano**. Tese de doutorado apresentada no departamento de Geografia da FFLCH- USP. São Paulo, 1987.
- - **Pensando novos caminhos da Geografia Urbana**. Apresentado no II Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio Claro, 1991.
- Claval. P. La Pensée Géographique-introduction à son histoire. **Publications de la Sorbonne**. Université de Paris I. Paris, 1972.
- Monteiro. C. A. F. **A Geografia no Brasil (1943-1977)**. Instituto de Geografia. Departamento de Geografia-USP, 1980.
- Moreira, R. - **O que é Geografia?** Coleção Primeiros Passos nº 48. Editora Brasiliense. São Paulo, 1981.
- Moreira, R. -org- **Geografia: Teoria e Crítica: um saber posto em questão**. Petrópolis, 1982.
- Santos. M. - **Por uma nova Geografia**. Hucitec-EDUSP. São Paulo, 1978.
- Santos. M.-org- **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. HUCITEC. São Paulo, 1982.
- Silva. A. C. A renovação geográfica no Brasil 1976-1983. in **Boletim Paulista de Geografia** nº 60 Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo, 1984.

6 Ana Fani A. Carlos - Pensando Novos Caminhos da Análise Urbana